

A difícil conjuntura financeira

Mauro Benevides

As grandes nações, abrangendo os Estados Unidos, não conseguiram debelar a crise financeira que atormenta os continentes, e amplia as edições de medidas emergenciais, iniciadas com o pacote de US\$ 700 bilhões, de efeito ainda duvidoso. Fala-se numa complementação de recursos, sem a qual a primeira providência não logrará o saneamento das instituições de crédito, notadamente as que operam no setor imobiliário – responsável pela eclosão do desequilíbrio, ora registrado, com suas diversificadas implicações no mundo inteiro.

As reuniões programadas dos G-20 e G-8, congregando dirigentes de potências, em Nova York e Paris, claudicaram nas soluções preconizadas, pois os obstáculos não foram ultrapassados, como se admitiu nos primeiros instantes da conjuntura.

No Brasil, os ministros da Fazenda, Guido Mantega, e do Banco Central, Henrique Meirelles, idealizaram alternativas viáveis, entre elas, a aquisição, pelo Banco do Brasil e pela Caixa Econômica, de entidades de menor porte, com o espectro da insolvência principiando a esboçar-se, de modo célere.

Os oposicionistas já se colocaram numa linha de insurgência contra o novo Proer. Bateram às portas da Procuradoria da República e do Tribunal de Contas da União para impedir que tais diretrizes prevaleçam como remédio amargo, para o imenso empecilho que tomou conta do Brasil.

A "marola" ganhou a característica de autêntica tsunami, motivando interrupções na Bolsa e compelindo o Bacen a buscar o controle ante a supervalorização do dólar. Neste contexto, fala-se em corte orçamentário drástico, com nova projeção da Receita e da conseqüente interiorização dos parâmetros das despesas, as chamadas emendas parlamentares, inclusive.

As obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), preferenciais para o Planalto, não prosseguirão no embalo já acertado, admitindo-se compasso mais lento ao exercício de 2009.

Mesmo que ardentemente não o desejássemos, é inegável o arrefecimento do impulso inicial, compelindo-nos a diminuir o ritmo das aplicações, a fim de que convivamos com uma adversidade anteposta a quase todos os povos, no primeiro decênio deste novo século.

Lula, provavelmente, entregará o bastão ao seu sucessor, sob augúrios menos tormentosos, e mais estimulantes para os brasileiros.

Enquanto isso, porém, terá ele de recompor a base aliada, em nível de unidades federadas, conciliando entrechoques regionais, na busca de apaziguamento que amplie as perspectivas de triunfo.

As adversidades decorrentes do segundo turno, particularmente em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador, exigirão interferência direta, com vistas à ultrapassagem de ressentimentos justificados, particularmente quando agressões ver-

bais, de contundência maior, tiverem ocorrido nos palanques de densidade eleitoral mais ponderável.

Acostumado a dirimir pendências sindicais com invulgar desenvoltura, a experiência adquirida transplantou-se para a área partidária, de que são provas, por exemplo, a aglutinação do Rio de Janeiro, quando ocorreu "a mágica" solução Eduardo Paes, após transpostas incompreensões registradas na CPI dos Correios, na passada legislatura.

Como deve fluir razoável espaço de tempo, terá o chefe da Nação razoável interregno para convencer os ainda recalcitrantes, apontando-lhes o caminho da compreensão, em nome de um interesse de maior relevância.

A ministra Dilma Rousseff, provável aspirante à curul presidencialista, estará na expectativa de que, na hora oportuna, a respectiva indicação prevaleça, com o indispensável endosso do PMDB, de Michel Temer, José Sarney, Henrique Alves, Renan Calheiros, Garibaldi Alves Filho e tantos outros vultos de preeminência na grei ulyssista.

Para que tudo se desenrole a contento, é imprescindível que a crise financeira mundial seja contornada, restabelecendo-se a tranquilidade buscada por todos os nossos compatriotas.

Em relação a esses aspectos, empenham-se todos os líderes, inclusive os oposicionistas, a fim de que o Brasil não experimente decesso em seu desenvolvimento e bem-estar social.

■ Mauro Benevides é jornalista e deputado federal pelo PMDB do Ceará